

O que Lorrana tem

A fonte nunca veio até mim antes, ela fazia questão. Meu telefone vibra no horário combinado, um pedido de desculpas pelo atraso, ela terminava de se arrumar. Muitos minutos depois, um “estou à caminho” me alivia o medo de ter tomado um bolo. O Uber para em frente ao prédio que a espero, o motorista me encara com um sorrisinho de lado quando ela desce, Lorrana mexe com os homens. Tudo nela era preto, vermelho ou dourado, teríamos a mesma altura se ela não estivesse de salto, e aquele penteado a deve ter custado algumas horas.

Ela caminha sobre o salto agulha com a segurança de um gato num muro estreito, se senta com a elegância como se eu fosse importante, alisa os longos cabelos pretos de tempos em tempos jogando-os suavemente de um lado para o outro, mas os olhos não dizem nada, a maior parte do tempo só desafiam. “Eu sempre fui de bater de frente, aprendi cedo a não abaixar a cabeça pra ninguém, esse é me jeitinho mas eu estou tranquila”, antecipa algum possível desconforto meu.

Nascemos na mesma cidade, também como eu, ela mora só com mãe, sempre estudou em escola pública e teve que se virar sozinha em quase tudo, a vida toda, mas claramente, ela sabia muito mais. “Minha postura não dava espaço pra ninguém me ofender. No ensino médio eu já chegava montada, 6 horas da manhã com cílios postiços, maquiagem, batom vermelho...”, toma um gole de água como de fosse um drink, seus anos como gerente de boate podem ser vistos em cada movimento.

“Quando eu tinha 13 anos e me montei pela primeira vez, era réveillon, apareci pra minha mãe, de salto 15, ela me olhou: ‘o batom não tá combinando com a sombra’, acabou ali”, sorri. Única entre seis irmãos, o apoio da família a fez casuda, a defendem, da pele aos pronomes. “Senti medo uma única vez, um rapaz veio atrás de mim do nada com uma faca, estava com duas amigas, cada uma pegou um pau... Mas me assustou, entendi que quem eu sou incomoda”.

Ela troca as pernas cruzadas pra falar sobre o trabalho, um último gole de água, não sei é desconforto ou empolgação, ou as pernas só cansaram e a garganta secou, os olhos continuam só desafiando. “Meu público era diverso, vereadores, professores, amigos... Muitos querem ser a ‘mulher’ da ralação, e tem os que pagam só pra conversar, acho tão bom quando não me tocam. Faço pela diversão do ‘dinheiro fácil’, entre aspas porque ser puta não é fácil”. Agora o plano é abrir seu próprio salão de beleza, se orgulha do enorme cabelo natural e da autoria da própria maquiagem, o batom vermelho escuro fosco e o delineado preciso, simétrico, “mas se me fizerem uma boa proposta, ainda vou”.

Solteira há três meses, ela sorri de um canto da boca ao dizer que o traía. Foram oito anos ao lado de um antigo colega da época da escola que nunca a assumiu. Os amigos dela o conheciam, os dele só sabiam que ele namorava. E um dia ele foi embora. “Ele não segurava minha mão em público, eu segurava a de outro.

Foi difícil. Hoje eu não namoraria alguém que não se orgulhe de mim”, seus olhos agora também sorriam.

Escurece e ambos temos outras obrigações, se despede com um abraço amigo e desce a rua a pé, segura. Em uma mão a bolsa preta com corrente dourada, na outra o molho de chaves entre os dedos. Não há um motoqueiro que não torça o pescoço, o dono do mercadinho deixa o caixa e vem pra calçada com uma mão no queixo admirar. Exatamente onde ela toca cada um deles é um mistério, mas não se pode negar que Lorrana mexe com os homens.